

Bochechas é termo baixo em discurso grave. Deve-se dizer *faces grossas*, *carnosas* ou *inchadas*, segundo o pedir o sentido.

Bojo, tomado metaforicamente por animo capaz de dissimular e de sofrer tudo, querem muitos que tenha mais logar no estilo medio que no sublime.

Borra de algum licor: sendo preciso usar deste vocabulo em discurso que não for familiar e comico, diga-se *fezes*, v. g., de vinho, de azeite, do sangue por melancolia &c. Este termo já não tem a gravidade que conservava quando o Padre Lucena, escriptor muito culto, usou d'elle na Vida de S. Francisco Xavier, pag. 481, chamando *borra* ao barbilho da seda.

Borrar um papel, por *apagar* ou *riscar* o que nelle estava escripto, dizia-se sem escrupulo em tempos menos reparativos: hoje pertendem muitos que não se deva dizer no fallar sublime.

Bostella é termo que tem baixeza; sendo preciso usar d'elle em linguagem elegante, diga-se antes *pustula*, palavra facultativa dos cirurgiões, posto que latina.

Boubas ou *mal gallico* não se admitte por baixeza quasi em nenhum estilo. O Padre Bluteau disse elegantemente em seus sermões: « Aquelle torpe e vicioso mal que é o açoute da luxuria » &c. De semelhante circumlocução decorosa deveremos usar instando a necessidade.

Burro e *burra*. Poderá ter uso no fallar familiar e comico, assim como *asno* no satirico. Em estilo grave diga-se *jumento* e *jumenta*, como sempre disse Vieira.

Cagalume: é cousa assentada que só no estilo jocosso poderá este termo ter uso. Os criticos dividem-se na escolha de novo nome: uns dizem á latina *perilampo*, outros á portugueza *bicho luxente* ou *noute-luz* &c. Veja-se a Bluteau nas prosas, referindo uma das sessões das

conferencias eruditas, feitas em casa do conde da Ericeira.

Calcanhar. Para muitos esta palavra tem aquella baixeza que não sofre a polida elegancia, e estranham aos oradores que com ella traduzem o *calcaneum*, que se encontra muitas vezes na Sagrada Escriptura, podendo dizer *pé* ou *planta*.

Campar, por levar vantagem, ou presumir de exceder em alguma cousa, foi antigamente usado no fallar grave com a pronunciação de *campear*; porem hoje só no familiar tem uso, dizendo *campar* por sabio, valente &c.

Canalha, que se acha na epopea, Malaca Conquistada, Liv. 10. est. 90, já não se admite senão no comico, no familiar ou no satirico.

Carranca por *aspecto carregado* é hoje objecto de critica, ainda no estilo medio, em que o usou o culto Auctor do livro, Escola das Verdades, dizendo na pag. 155: «Nenhuma cousa é mais alheia do principe que aquella *carranca* que o faz monstruoso e não grande» &c. No estilo familiar pode-se usar metaforicamente, sendo com aquella propriedade com que o usou Chagas no tom. 2. das suas Cartas, pag. 59, 71, 213 e 445.

Chapado por *consummado* em alguma sciencia ou arte só se admite no estilo familiar, comico e jocoso, com o exemplo de D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 523, e na Carta de Guia de Casados, pag. 82.

Cioso é termo que não agrada a alguns escrupulosos, quando se applica a Deus, dizendo-se «Deus *cioso* da sua honra», e querem que se diga *zeloso* ou que *zela* a sua honra &c. A verdade é que a auctoridade de todos os Classicos está contra os escrupulos desta critica; mas emfim a practica dos que vivem de baixeza a este vocabulo no estilo oratorio. Do mesmo modo pretendem

que se diga antes *zelos* que *ciume*; mas em argumento que não seja sublime, não póde haver duvida no uso, assim de *ciume*, como de *cioso*.

Coçar estranha-se em alguns oradores, quando ao tratar do santo Job dizem que *coçava* [em lugar de *raspava*] com um pedaço de telha as suas leprosas chagas.

Cocegas: é termo humilde para estilo grave. Quando seja preciso usar d'elle, querem os criticos que se diga antes alatinadamente *titilação que provoca o riso*, ou outra semelhante circumlocução, que não abata o estilo.

Codea no sentido moral, por *superficie* ou *casca* de alguma cousa, contraria ao amago e interior della, é termo que se acha em o nosso insigne Barros na Decad. 3. pag. 90. col. 2., mas não se admitte já no estilo em que elle escreveu a sua Historia. Porem muitas occasiões ha em que *codea* no sentido natural não fica bem substituida com *superficie* ou *casca*, porque, v. g., não se ha de dizer *casca*, mas *codea* de pão.

Coitado, não obstante ter a seu favor uma epopea tal como a de Camões no cant. 5. est. 70, hoje não se sofre senão em discurso familiar, apesar da gravidade que lhe quer dar Manoel de Faria, commentando a dita estancia.

Comichão não se admitte senão na linguagem popular, comica ou satirica. Estranhou-o a critica quando o leu em um sermão impresso de S. João Nepomuceno, onde diz seu auctor: «*coçar a borbulha é signal de comichão.*»

Comilão serve só para o estilo jocoso; *grande comedor* póde-se dizer no medio, porem no sublime é preciso usar de alguma nobre circumlocução, qual foi a de Vieira, quando disse: «*Homem devorador de mesas.*»

Couce em nenhuma accepção se deve já usar em dis-

curso serio ; e assim não se póde já dizer, como diziam os bons antigos, *couce* da porta e da procissão, mas *couceira*, e *fim* da procissão. Accrescenta a critica que, sendo preciso usar deste vocabulo em estilo grave, se use de alguma circumlocução decorosa, v. g., morreu Pedro dos golpes de um cavallo calcitroso ; e não, morreu dos *couces* de um cavallo *escouceador*.

Cursar : com nimio escrupulo não admittem hoje alguns criticos o uso deste verbo em discurso oratorio. Não podemos concordar com elles, e diremos sempre [não obstante a sonhada baixeza] *cursar* as aulas e as balas ; *cursam* os ventos ; *curvou* no mar alguns annos &c. O mesmo dizemos de curso, a que igualmente se oppõem os ditos criticos com os mesmos fundamentos de indecencia e baixeza.

Dares e tomares : posto que se ache este modo de falar em Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 401. col. 4. já se não admitte senão no familiar ou comico : no estilo medio, e muito mais no sublime, querem que se diga *debates reciprocos*, *contendas alternadas* &c.

Debalde querem muitos modernos que seja mais proprio da linguagem sublime dizer-se *em vão*, *inutilmente* &c., e que se reserve para o estilo medio e familiar o uso do *debalde*. Todos os bons Classicos e até os melhores modernos estão contra este parecer. Para nós é tambem excessiva esta critica.

Debruços : é termo pouco nobre em discurso oratorio : eu antes dissera *com o rosto em terra* &c. ; porem em estilo que não fosse magnifico teria por demasiado este escrupulo.

Deflorar uma virgem, sendo em si expressão não só decente, mas elegante, hoje por muito vulgar não se so-

fre bem em linguagem sublime, e os escrupulosos descobrem frase que diga o mesmo, mas exprimido com cores mais honestas. Com tudo não censurariamos ao orador que usasse deste verbo, e muito menos ao historiador.

Desadorar, por *impacientar-se* ou *enfurecer-se*, não se quer hoje admittir senão no estilo familiar: nós acrescentamos que em nenhum discurso se deve usar, porque não achamos tal verbo em algum dos Classicos.

Desalmado: homem que não teme a Deus, como se não tivera alma, é termo bastantemente expressivo, mas por andar muito na boca da plebe, raras vezes lhe querem dar uso os escrupulosos da linguagem da alta eloquencia, e substituem a sua falta com outros vocabulos que nunca chegam a ter igual energia.

Desapoderadamente sim é adverbio que tem a seu favor Vieira no tom. 2. pag. 181; porem o uso já o não admitte em estilo oratorio, e quer que se diga antes *violentissimamente* ou *com vehementissimo impeto*.

Desaventurado, por *desgraçado* ou *perverso*, por ser termo mui popular raras vezes se admitte em discurso que não seja familiar ou comico.

Desavesado e *avesado*, por *descostumado* e *costumado*, se tem hoje logar, é só no fallar infimo, ou quando muito no comico.

Desfeita, por *desculpa*, é, alem de outros Classicos, de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 12. col. 2. Hoje só se usa em discurso jocosó; porem com significação diversa, valendo o mesmo que logração ou descortezia.

Desmarcado tem mais nobreza: *desmedido*, se bem que em Vieira são tantos os exemplos de um como de outro vocabulo na mesma accepção. Em Fr. Luiz de Sou-

sa, seguindo a João de Barros, achamos muitas vezes *desmesurado*; porem é termo que o uso já antiquou.

Desquerer por não querer bem: parece que o uso tem tirado ao orador a liberdade que lhe dera Vieira no tom. 1. pag. 535. A mim o que me parece é que elle em nenhum estilo é hoje termo dominante.

Deveras por *verdadeiramente*, ou *seriamente* é termo vulgar, que só não recusa o estilo familiar, e comico, apezar dos muitos exemplos classicos, que se acharão deste adverbio em discurso sublime. Com tudo não somos daquelles muitos, que hoje o reprovam.

Diabo por *demonio* não tem bom uso no character grave; no familiar, e comico admite-se sem reparo: o mesmo dizemos em discursos asceticos com os infinitos exemplos de Vieira, e outros. Porém *diabolico* em todo o estilo tem uso corrente, o que não succede a *diabrura* que só tem logar no familiar, comico e jocoso.

Doudo serve só para o estilo de Cartas, Dialogos, Comedias &c. para o sublime, e oratorio serve *louco*, *fatuo* &c. Nelle igualmente se diz *loucura* e não *doudice*, *loucamente* e não *doudamente*, *fazer loucuras* e não *doudejar* &c.

Embaçado e *embaçar*, por *ficar atonito*, ou *perder a falla*, são termos que por via de regra não pertencem ao character sublime, nem ainda ao mediano, mas só ao infimo.

Embigo não é voz oratoria. Quer a critica que sendo preciso usar d'elle por indispensavel circumstancia, se caia antes no defeito de alatinar, dizendo *umbilico* com o exemplo de alguns poetas, e medicos; porque é menos defeituosa esta liberdade, que a de usar de um termo, que mancha a elegancia do estilo oratorio.

Empurrão é termo plebeu. Vieira e todos os da sua

escola disseram *empuchão*, e *baldão*, postoque este segundo vocabulo não fosse synonymo legitimo.

Encarrego v. g. assim pronunciavam os nossos bons antigos; mas hoje é termo popular, e deve-se dizer *encargo*, fallando-se em discurso grave.

Endemoninhado serve só para o comico, familiar, ou jocoso. Diga-se *energumeno* ou *obsesso* á imitação de Vieira.

Enfadonho tem baixeza por ser termo muito popular. *Enfadoso* se acha em alguns Classicos; e deste vocabulo, como mais nobre usou o polido Auctor da Corte na Aldea, pag. 178, não obstante ser obra toda escripta em estilo familiar.

Enforcado: não tem nobreza este termo, e deve-se usar de alguma frase; v. g. *morrer suspenso em um patibulo*, ou *de um laço* &c.

Engeitado: criança engeitada é mais proprio do fallar familiar que do elegante: diz-se *exposta*. Engeitado em outros sentidos não tem baixeza, v. g. *viagem engeitada*, *serviço real não engeitado* &c. porque o usou Jacinto Freire no Liv. 2. n. 92, e Fr. Bernardo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 25. col. 2.

Engulhos só se admitte na linguagem medica. Use-se de alguma frase decorosa, v. g. *inuteis esforços da natureza para provocar vomito* &c.

Engulir em sentido metaforico, significando *soffrer*, *simular*, e *occultar*, postoque se ache em Vieira no tom. 4. pag. 235, hoje só é proprio do estilo familiar, dizendo-se nelle *engulir odios*, *enfados*, *afrontas*, *lagrimas* &c.

Entrudo é certo que não se deve usar em composição, que não pertença ao estilo jocoso. Vieira por evitar baixeza, disse sempre *carnaval*, já com o exemplo de outros seus anteriores.

Enxadada sendo preciso dizer-se em discurso elegante, por evitar a baixeza, que provem deste termo popular, será melhor dizer *golpes da enxada*, como disse o Padre Vieira em um dos sermões de Cinza.

Enxergar, posto que seja verbo muito mais expressivo do que *ver*, não se admite hoje em estilo grave, e apenas tem lugar no familiar, não obstante os exemplos dos melhores Classicos que usavam d'elle em todo o discurso. Em seu lugar valemo-nos de *discernir*, ou de *divisar*.

Escapular: era na idade de João de Barros termo tão nobre, que usou d'elle este polidissimo historiador na Decad. 1. pag. 25. col. 4 significando com elle o fugir occulta, e apressadamente. Hoje é termo chulo, que só tem lugar no jocoso.

Escarmento por *desengano* tem já raro uso por causa da nimia delicadeza de alguns criticos que estranham dizer o Padre Bernardes «tira da desgraça alheia *escarmento* proprio.» *Pão partido* pag. 227.

Escarneo não tem lugar tão amplo no estilo elegante como tem *escarnecer*. Alguns com demasiado escrupulo fogem de usar d'elle, e dizem *irrisão*. Não duvidâmos em que seja termo mais seguro para evitar criticas.

Escarro: quando se faça preciso usar deste vocabulo, querem os cultos modernos que o orador se valha de alguma circumlocução decorosa, v. g. *purgação da boca*, quando *saliva* não poder ser synonymo; pois que rigorosamente o não é, mas sim de *cuspo*.

Escrofulas e não *alporcas* querem os modernos que se diga não obstante poderem-se defender com o Padre Vieira no tom. 7. n. 168 os que dissessem *alporcas*. A razão já a deixamos ponderada na part. 1.^a desta obra.

Esmagar tem pouca nobreza para se usar em estilo

elegante, e por isso são reparados aquelles oradores que se valem deste verbo ao traduzir alguns logares dos psalms. Querem os criticos que nesta necessidade se use de alguma nobre circumlocução. Não sou tão reparativo, que concorde com os escrupulos desta critica.

Espetar especie de castigo que dão os turcos, e varios povos orientaes. É mais nobre dizer *empallar*, por ser de páo agudo o espeto com que debaixo até á cabeça espetam ao miseravel, a quem igualmente se chamará *empallado*.

Estalagem não se diz, senão em estilo familiar, e sendo escripta neste character a Corte na Aldeia, ainda assim disse seu Auctor. «*Casa publica de agasalho aos passageiros.*» Vieira no tom. 8. pag. 175 por evitar fastidiosas frases, e baixeza no fallar, disse *diversorio*: hoje está introduzida a palavra *ostearia*; mas não a temos por termo oratorio antes só concedida no estilo, em que a usou Gaspar Barreiros.

Estrebaria é vocabulo da plebe: diga-se *cavallarice*, ou *estalla*, se for necessario em discurso sublime; pois que no familiar o disse sem necessidade D. Francisco Manuel, Cart. pag. 332.

Faca, e *facada*: em discurso sublime é mais nobre dizer *punhal* e *punhalada*, ainda que a ferida fosse verdadeiramente de faca. Porem occasiões haverá em que será preciso por força de circumstancias não usar dos sobreditos synonymos, pois não se pode dizer v. g. com o *punhal* da meza [mas sim com a *faca*] matou ao convidado &c.

Fadario serve só para o estilo, em que o usou Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 5. pag. 412. Em Vieira não se encontra este termo, mas acha-se *fadar* no tom. 7. pag. 45.

Feder quasi em nenhum estilo se deve usar, se se exceptuar o jocoso. Use-se de alguma frase decente, v. g. cheirar mal, ou cheiro, que offende o olfato, ou exhalar um cheiro corrupto &c. Igualmente em vez de *fedor* e *fedorento* diga-se *fétido*.

Feiticeiro: é mais elegante dizer *magô*, *magico*, *encantador* &c. Do mesmo modo em logar de *feiticeria* diga-se *magica*, *encanto*, ou *fascinação*, segundo o pedir a propriedade. Porem no comico e familiar tem bom uso *feiticeiro*, e *feiticeria*, assim como *feitico* em todos os estilos.

Femea por *mulher* dizia-se sem reparo em qualquer estilo nas idades dos nossos Classicos; hoje não se admite senão como correlativo de macho nos animaes, ou como termo *genealogico*, e forense.

Eradesco, não obstante ter servido este termo a Fr. Luiz de Sousa na gravidade do seu estilo, hoje não basta o seu exemplo porque o não quer o uso, e já Bluteau deixou escripto que deste vocabulo se usa em accepção de despreso.

Eralda do monte, é mais decoroso dizer *falda*, imitando a Vieira e Camões na Ode 7.^a, e Galhegos no Templo da Memoria Liv. 2. est. 133.

A furto querem que em algumas accepções tenha baixeza no estilo nobre, v. g. jornada *a furto*, casamento *a furto* &c. Será mais elegante, jornada *furtiva*, casamento *furtivo* &c., mas antes se diga *a furto* do que *às escondidas*, porque é termo notavelmente humilde e censurado no Auctor da 6.^a part. da Mon. Lusit.

Gago, *gaguejar* e *gagueira* é só para o estilo infimo: em qualquer outro deve-se dizer *balbuciente* ou *tartamudo*, *balbuciar*, e *balbuciencia*, se bem que a estes dous ultimos termos não achamos exemplos classicos; po-

rem em tal caso menor defeito será usar delles sem patrono seguro do que fallar com baixeza em discurso grave.

Gallicado, sendo preciso por forçosa circumstancia usar deste termo, descubra-se alguma frase decorosa como v. g. *inficionado do humor* ou *contagio venereo* &c.

Garrote, morrer de *garrote*: é mais elegante dizer *de baraço*, ou *laço*, como se acha em muitos logares dos Sermões do Padre Vieira dizendo: afogado com *baraço*, e lançou-lhe o *laço* ao pescoço &c.

Golodice, posto que o usasse Vieira no tom. 2. pag. 337, não basta hoje o seu exemplo no estilo, em que elle o disse. E' termo que só tem logar no jocoso: no grave diz-se *golotonaria* e no familiar *golosina*.

Goloso tambem pertence ao estilo baixo: no elegante use-se de alguma nobre circumlocução, como fez o Auctor da Arte da Galantaria, dizendo. «Homem perdido por bons bocados &c. Tentado com manjares exquisitos &c.

Gota tem mais nobreza do que *pinga*: e assim deve-se dizer *gota* de agua, ou sangue ou vinho; *gota a gota* &c. e não *pinga a pinga* de agua, de sangue, e de vinho &c. Do mesmo modo é mais elegante dizer *gotejar* do que *pingar*.

Gritar tem baixeza em discurso sublime, e é melhor dizer *chamar*, ou levantar com vehemencia a voz &c. Dizemos isto por via de regra porque circumstancias haverá em que este verbo terá particular energia. Tambem se deve dizer *gritos* e não *gritada* que é termo antiquado, ou *gritaria* que é palavra popular, usada muitas vezes por Fr. Rafael de Jesus.

Guedelha era termo que nas idades dos nossos Classicos entrava em discursos graves e sublimes; e ainda Jacinto Freire deo este nome aos cabellos da barba que em-

penhára D. João de Castro. Hoje porem é vocabulo que não conserva a mesma nobreza, e só tem bom uso no fallar jocoso.

Guela se achará muitas vezes em João de Barros; mas hoje no estilo em que elle escreveu, e muito mais no oratorio, querem os cultos que só se diga *garganta*.

Hombridade, por altivez varonil e nobre, tem bom uso no estilo em que D. Francisco Manuel escreveu a Carta de Guia de Casados, usando deste termo na pag. 117. Com tudo a critica não lhe nega alguma vez logar no discurso sublime, se o pedir a energia.

Impudencia é o synonimo que em estilo grave tem *desaforo* e *desavergonhamento*. Usou-o Vieira no tom. 4. pag. 11, e no tom. 3. pag. 476.

Inchação: querem os criticos modernos que se diga *inflação*; *inchaço tumor*; e *inchado tumido* ou *inflado*, que é não menos que de Barros na Decad. 3. pag. 226. Do verbo inchar, no sentido metaforico, por *desvanecer-se* póde o orador usar d'elle, com o exemplo de Vieira no tom. 5 pag. 54.

Indesatavel não é termo de que se valha o discurso grave, contra o parecer do Auctor do livro, *Escola das Verdades*, que o usou na pag. 149. Deve-se dizer *indissolvel*, com os muitos exemplos de Vieira. Vid. tom. 5. pag. 261.

Investida. Por se tomar hoje este termo em accepção popular e quasi chula, sei de um critico muito erudito, que o censurou em certo elogio, servindo como termo militar. Nenhum culto haverá, por mais escrupuloso que seja, que approve esta critica, muito mais sendo o dito vocabulo usado por Jacinto Freire no Liv. 3. n. 21, onde diz: «Sustentou o inimigo o campo na primeira *investida*» &c., e não *acommetimento*, como o critico pertendia.

Jocosos : temos por mais nobre *jovial* e *faceto* : os bons antigos diziam *prazenteiro*. *Jocosidade*, de que muitos usam, é termo que não achamos em Auctor de boa nota, mas só o de *jovialidade* e *facecia*. Homem *gracioso*, por engraçado não se admitte em estilo grave, porque se tomará como termo de desprezo.

Iscado e *iscar* são vocabulos de que se valiam os nossos Classicos em seus elegantes discursos, dizendo, v. g., *iscado* da peste em vez de *ferido*. Veja-se a Fr. Luiz de Sousa em muitos logares, e a Barros na Decad. 1. pag. 51. col. 2. Hoje porem apenas se admittem estes termos em estilo que não seja jocoso.

Labutar : não obstante o exemplo de Camões na canção 15, só tem hoje uso no estilo familiar: no grave diz-se *lidar*, *trabalhar* &c.

Lado tem mais nobreza do que *ilharga*, quando estiverem em termos de poderem ser synonymos. Na linguagem popular é muitas vezes *ilharga* termo bastante expressivo, e por não se perder a energia, deve-se usar d'elle; v. g., tem más *ilhargas* [isto é maus conselheiros]; arrebentava de riso pelas *ilhargas* &c.

Ladroice : serve este termo só para o estilo infimo: em qualquer outro deve-se dizer *latrocinio* ou *roubo*.

Lagrimejar no sentido metaforico e tambem no natural tem pouco uso em linguagem elegante. No familiar, em que Chagas escreveu as suas Cartas, poderá usar-se, como o usou este Auctor na Part. 2. pag. 288, dizendo *lagrimejar* os montes, por lançar algumas gotas de agua.

Lama : hoje só no genero de fallar infimo poderá não se estranhar: nos outros estilos deve-se dizer *lodo*, ou por frase *terra ensopada de aguas* &c. Tambem não se deve usar de *lamacento*, mas de *lodoso*, nem de *lama-*

gal ou *tameiro*, mas de alguma circumlocução decente, v. g., *lagoa lodosa* &c. Os exemplos dos bons antigos a favor destes vocabulos não tiram nesta parte os justos escrúpulos aos cultos modernos.

Lamber é verbo que não conserva hoje em discurso elegante a nobreza que conservava quando Fr. Luiz de Sousa usou muitas vezes d'elle, dizendo: «*lambia-lhe as chagas*» &c. Hoje conformando-se com o paladar delicado dos criticos, diria *chupava-lhe* as chagas, ou *limpava-lhe* com a lingua as chagas, ou usaria de outros modos ainda mais nobres. Applicando-se este verbo a algum animal, então diz a mesma critica que não póde haver duvida no seu uso, com os muitos exemplos de Vieira. Nós temos estes reparos por excessivos, e não deixaremos de seguir nesta parte aos Classicos, especialmente usando deste verbo em sentido metaforico, porque então até a linguagem poetica o não recusa. Pelo contrario *lambugem*, sendo aliás do insigne Barros na Decad. 1. pag. 18, não o admittiremos senão no familiar e comico.

Largas: dar *largas*, isto é, muita liberdade a alguem, só tem bom uso no estilo familiar, como lho deu Chagas nas suas Cartas, dizendo: «*As largas na pobreza*» &c.

Latrina: usou Brito justamente deste termo latino no tom. 2. da Mon. Lusit. pag. 119, por fugir em estilo grave ao baixo vocabulo, a que no portuguez corresponde, o qual em nenhum discurso deve ter uso.

Lazeira por *pobreza*, se bem que tem a seu favor o exemplo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 229, o uso presente já o não admitte nem no estilo medio. *Lazerar* por *mendigar*, de que usou Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 169. col. 3. tambem não tem hoje lugar em discurso grave.

Leigo, por falta de instrucção, é termo de que hoje os nimiamente escrupulosos duvidam usar no estilo em que o usou Vieira, tom. 1. pag. 403. Não temos tanto escrupulo.

Lerdo: é certo que tem a seu favor a auctoridade não menos que de Vieira no tom. 3. pag. 326. col. 1., e de Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 130. col. 3; porém os que hoje só querem usar deste termo no discurso familiar tem a seu favor maior Classico, qual é o uso. Presentemente dizemos *inhabil*, *simples* e *rustico* &c.

Madre do rio: assim chamavam os nossos Classicos ao espaço de qualquer rio de margem a margem: annos ha que não vemos usado este termo por escriptores cultos; contentam-se com dizer em prosa *canal*, e em verso *alveo*.

Males [plural de mal] querem os criticos que em algum sentido abata a elegancia do fallar oratorio, e faça a oração indecente, porque *males* por antonomasia é a enfermidade gallica. E assim não approvam que hoje se diga, v. g., vou-me curando de meus *males*; cura-te de teus *males*; vivo consumido de *males* &c., tomando este termo na significação de *trabalhos*, *desgracas* &c., Temos esta critica por demasiadamente escrupulosa, não obstante ser de um dos escriptores mais cultos deste seculo, que illustrou com muitas obras de purissima linguagem a nossa Academia Real da Historia.

Mama é termo que dá muita baixeza a qualquer estilo, exceptuando o jocoso. O mesmo dizemos de *teta*. Por onde de nada valem os exemplos dos Classicos antigos, que diziam criança de *mama*, dar de *mamar* &c. Hoje dizemos criança de *peito*, dar o *peito* ao filho &c., quando discorremos em estilo grave. *Teta* é proprio pa-

ra animaes, e não duvidam usar deste termo os poetas bucolicos.

Mancebia chamavam os nossos antigos Classicos a muitos mancebos juntos, sendo solteiros. Um exemplo nos ocorre de Barros na Decad. 1. pag. 86. col. 4. Hoje a significação deste termo é totalmente contraria, perdendo a antiga innocencia.

Manhas: os antigos tomavam esta palavra em bom e em máu sentido, e como não era termo baixo, como hoje é, davam-lhe uso em todo o estilo: presentemente serve só para o familiar e jocosos, e sempre significando vicio ou defeito, excepto em alguma especial acceção, como v. g. «Tu *manhas* tens para conseguir o negocio» &c. Aqui val o mesmo que *espertexa*, *juizo* e *prudencia*.

Manjadoura, não obstante ter a seu favor os exemplos de alguns oradores, hoje tem-se por termo humilde para o pulpito, servindo em discurso ao Nascimento de Deus Menino: deve-se dizer *presepio*.

Mantença é hoje palavra popular que já se não admittie em linguagem elegante, como se admittia na idade de Fr. Luiz de Sousa, que muitas vezes usou della na sua elegantissima Historia. Porem o verbo *manter* esse ainda não perdeu o seu uso em qualquer estilo.

Maranha: de termo grave que era algum dia, usado por Fr. Bernardo de Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 158. col. 2. na significação de *astucia*, passou hoje para vocabulo popular e jocosos, e que em nenhum outro estilo deve ter uso.

Mastigar palavras. Este modo de fallar é hoje admittido só em composição familiar, sem que baste ter usado delle o Padre Vieira, dizendo: «Palavras que pronunciavam ou *mastigavam* a seu modo» Xavier dormindo, pag. 165. col. 1.

Matraca [por *apupada*]. Justamente é accusado o Auctor do chamado poema da *Insulana*, usando deste termo no Liv. 4. est. 88, e no 3. est. 118, quando no seu tempo já d'elle se não usava, por ser palavra indigna de prosa grave, quanto mais da linguagem poetica.

Meão por *mediano* não tem bom uso em composição elegante, e muito menos em poesia, de cujo defeito é reo Manuel Thomaz na *Insulana* Liv. 6. est. 136.

Membro: querem alguns criticos, que mais esquadriham maliciosas equivocacões de palavras, que seja este termo menos decente no singular que no plural, quando se usa d'elle sem especificar que membro seja.

Mensagem é termo mais nobre que *recado*, o qual só tem bom logar no genero epistolar, comico &c. *Mensagem* é de Jacinto Freire na pag. 156.

Meretriz ou *prostituta* são os termos decentes com que, á maneira de Vieira em muitos logares, deve o escriptor grave declarar o officio da mulher que faz venal o seu corpo a muitos. Ao bairro onde vive tal gente devemos chamar *lupanar*.

Mimos ou *carinhos* tem mais nobreza em discurso grave do que *meiguices*, que só póde ter algum uso no familiar, especialmente applicando-se a mãe afagando o seu filhinho.

Mingoadas [horas ou annos] posto que tenha a seu favor a auctoridade de Vieira em diversos logares, com tudo hoje é termo que pertence mais ao genero familiar e comico.

Miolos tem ainda menos nobreza do que *miôlo*. Os nossos antigos Classicos usavam deste termo em todo o estilo, porque então não era popular, como é hoje. Diga-se *cerebro*, se o pedir o sentido, e se não use-se de al-

guma circumlocução decente, quando inste a necessidade de usar deste vocabulo. Já no insigne João de Barros achamos *cerebro* neste sentido.

Moça por *donzella* tem tão bom logar no discurso familiar e cómico, como mau no grave e sublime. O mesmo dizemos de *moço* por *mancebo*.

Monturo: estranham os criticos que Chagas no tom. 2. das suas Cartas, pag. 60, usasse deste termo, tendo-o por indecente até no estilo epistolar. Bluteau disse sem baixeza *montão de immundicies*. Vieira usou de *Muladar*.

Mouco, *mouquice* e *emmouquecer*, por *surdo*, *surdez*, e *ensurdecer*, só tem bom logar em estilo que não fôr sublime e oratorio.

Murro em vez de *punhada* não o diz quem falla em discurso grave. No cómico e jocoso póde ter logar.

Namorar é termo que não tem aquella nobreza que pede a locução grave: *galantear* é vocabulo mais corteção. Porem usando-se d'elle em sentido metaforico, então admitte-se até no estilo oratorio; v. g., *namorar-se de um prado*, *namorado de uma terra* &c.

Natura: diz com rasão o Padre Bluteau que não se usa honestamente desta palavra senão em termos musicos; nem o ter usado della Camões basta para que ao menos os poetas se valham de tal exemplo.

Naveta por *navio pequeno*, posto que seja de João de Barros na Decad. 2. pag. 41, e o seguissem alguns cultos do seculo passado, como foi o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental em suas Meditações, hoje não se admitte senão na significação de vaso pertencente á igreja, em que está o incenso.

Nojento e *nojo* são vozes mais proprias do discurso humilde que do grave. *Asqueroso* e *asco* serão termos mais decentes. *Nojo* por *damno* ou *embaraço*, ainda que seja

de todos os Classicos antigos, não está já em uso no estilo elegante.

Noiva e noivo quer Manuel de Faria nos seus Commentarios a Camões que sejam vocabulos pouco proprios do fallar sublime, e que se deva dizer a nova *esposa*, o novo *esposo*. Na linguagem familiar e comica não póde ter duvida o seu uso.

Olhado e quebranto são vozes populares que pertencem ao estilo infimo: na linguagem elegante pede a prosa termos emprestados á poesia, e usa de *fascinação* ou *philtro*, por evitar baixeza no discurso.

Olho. Em varias cousas reflecte neste vocabulo a critica demasiadamente escrupulosa. Quer que em assumpto grave raras vezes se use no singular, a fim de se evitar alguma baixeza: v. g.; não admite que se diga *olho* papudo, *olho* sumido, *olho* encovado, mas *olhos*. Não quer tambem que se diga *olho* cego, mas *um dos olhos* cego; fechar o *olho*, por *morrer*; ir com o *olho* atraz, por ir acautelado &c. Em fim não sofre que se use de *olho* simplesmente, sem determinar qual delles é, em ordem a que não haja alguma equivocação de sentido menos decente. Esta é uma das criticas a que chamamos pueril e extravagante, que sempre despresaram os solidos escriptores. Com tudo convêm a qualquer auctor moderno proceder com muita advertencia nesta materia para evitar as censuras de taes criticos, mais agudos em malicia que em juizo.

Opio: poucos annos ha era esta palavra unicamente termo da medicina: hoje os ociosos o introduziram por synonymo de *logração*; e assim quando for preciso usar d'elle em assumpto grave, proceda-se com tal advertencia, que não se cáia no uso jocoso que hoje lhe dão os ociosos; v. g., não se diga: o medico *opiou* ao doente,

ou deu-lhe *opio*; mas sim *receitou-lhe opio*, ou *mandou-lhe tomar opio* &c.

Orates. Casa dos *orates*. Querem os cultos modernos que se reserve para o comico, familiar, e jocoso, e não para o character grave, e oratorio; não obstante o exemplo de Vieira no tom. 10. pag. 306. col. 1.; porque este orador por conta da *summa auctoridade* do seu magisterio e dos seus annos usava de vozes e modos de fallar, de que certamente não usaria em sua mocidade.

Orelha apesar da apologia de Manuel de Faria por esta palavra ao commentar a est. 6. da Canc. 9. de Camões, não querem hoje os polidos, que se use deste termo em alguns modos de fallar, de que estão cheias as obras dos nossos Classicos. Por exemplo, não admittem que hoje á imitação delles se diga. «*Orelhas divinas ou reaes; applicou as orelhas; deu-me benignas orelhas*» &c. mas pertendem justamente que em taes acceções se diga sempre *ouvidos*.

Outiva fallar de *outiva* &c. Já Duarte Nunes de Leão no cap. 19 do seu livro *Origem da Lingua Portuguesa* chama plebea a esta fraze. Hoje ainda a soffremos no estilo familiar, e comico; porem no elegante deve-se usar de alguma circumlocução, que não tenha baixeza, v. g. fallar sem reflexão &c.

Palrador por *loquaz*, ou fallador, e *palrar* por fallar com muita loquacidade, é certo que não são termos, que pertençam á linguagem elegante, como antigamente pertenciam, usando até Camões do verbo *palrar*, e de *palreiro* o Auctor do poema *Insulana*, podendo dizer *garrulo* em boa linguagem poetica.

Pancadas é termo, para o estilo humilde; no grave deve-se usar de alguma frase nobre; v. g. *golpes de pão, de bastão* &c.

Parcas em nenhum estilo se deve usar: imitaremos por decencia a linguagem medica, dizendo *secundinas*. Tambem já hoje não tem uso na significação de *tributo*, especialmente em discurso tal, como o em que o usou Vieira no tom. 3. pag. 92.

Parida; mulher parida, diga-se mulher *de parto*, porque é modo de fallar menos popular, assim como *pejada* é mais decente, do que dizer *prenhe*, ou *prenhada*, como diziam os antigos. Com tudo nenhum destes termos approvamos no character sublime; pois que apenas admitte o verbo *parir*, querendo que se diga *dar á luz*, se é que houvermos de estar pela sentença de alguns criticos modernos.

Parola e *paroleiro* são termos que não merecem censura, usando-se delles no estilo, em que os usou o polido Auctor da Corte na Aldea, pag. 172 e 186.

Partes; boas *partes*, em vez de boas *qualidades* ou *prendas* pessoas, ou dotes da natureza, é modo de fallar, que já começa a desagradar aos escrupulosos em demazia, que fazem estudo em envenenar palavras.

Parvoice; apenas ha estilo em que hoje se soffra este vocabulo, exceptuando o jocoso. Diga-se *fatuidade*, ou *inepcias*, ou *estulticia*, termos que não são destituidos de exemplos seguros.

Peçonha, e *peçonhento* foram vocabulos de que usou Vieira. Hoje quem não tiver tanta auctoridade, como elle, deve dizer [fallando em estilo oratorio] *veneno*, e *venenoso*, se quizer agradar aos delicados ouvidos da critica inexoravel.

Pedreira por *valia* só se admitte em discurso grave, para formar algum nobre equivoco, qual foi o que disse Vieira com felicidade no tom. 1. pag. 669.

Pejado por modestamente envergonhado não tem lo-

gar tão nobre em composição grave, como tinha em outro tempo, e tem ainda hoje *pejo*, de que é composto. Tambem na significação de *embaraçado* tem só uso no fallar popular, não obstante achar-se em Barros na Decad. 2. pag. 190.

Piolho; pode ser preciso em assumpto grave ou ainda em qualquer outro estilo usar deste termo, e como a sua vileza não lhe dá logar a entrar em composição de qualquer character, que ella seja, merecerá muito louvor aquelle escriptor, que souber dar nobreza a este vocabulo por meio de alguma frase decorosa; v. g. *asqueroso insecto*, *molesto companheiro dos pedintes*, ou outras semelhantes que não deixarão de lembrar a um engenho fecundo. E' com rasão censurado um moderno escriptor de uma vida de certa religiosa do Convento de Santa Anna desta cidade, dizendo della, que por grande mortificação comia *pioelhos* &c.

Podre e podridão não tem defensores entre os cultos modernos como o tem entre os antigos. Não sabemos que haja outra rasão mais que o tiranno despotismo do uso, que quer se diga *corrupto e corrupção* ou *putrefacção* &c.

Poeira tem bom logar no estilo familiar, e ainda no medio; porem no sublime sempre se deve dizer *pó* com o epitheto que a necessidade pedir.

Porco e porca não entram no discurso polido. O Padre Vieira vendo-se precisado a fallar deste animal, usou de varias frases sempre decorosas ao estilo, em que fallava. Por conta da mesma decencia, que pede a linguagem elegante não quer a critica, que se diga *porco montez*, mas *javali*, nem *porco* na significação de *sujo*, mas sim *immundo*, nem *porqueiro*, mas *guardador do gado immundo* &c.

Porta trazcira chamavam sem repato os nossos an-

tigos á porta falsa, que fica por detraz da casa, e ainda Bluteau não teve difficuldade de usar deste termo; porém já Vieira por evitar baixeza no fallar disse *porta travessa*.

Posilga é termo plebeu, indigno de se ler, como temos lido em escriptos graves, segundo nos ensina Fr. Luiz de Sousa na Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres pag. 29, onde adverte *choupanas* (por não dizer *posilgas*.)

Potro (antigo instrumento de atormentar aos martyres e tambem aos facinorosos.) Achamos com pouca nobreza usado este termo em obras de elegancia. Os antigos classicos diziam *cavallette* e Vieira por fugir á indecencia, disse *eculeo*, como já mostramos em outro logar.

Pragas é mais nobre dizer *imprecações*; mas occasiões haverá em que o admitta o fallar sublime. *Praguento* é que é inteiramente vocabulo particular, não obstante achar-se em Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 196. col. 2.

Preguiça pertendem alguns cultos, que esta palavra convenha só ao estilo familiar, ou quando muito ao medio, e que no sublime se diga por frase. « *Negligencia no que ha obrigação de fazer*, ou outra semelhante circumlocução. Tenho especies de que Vieira disse *accidia*.

Privada por *válida* tem a seu favor todos os Classicos, assim como *privança* por *valimento*, mas hoje como lhe deram significação indecente, não se admitte, senão no jocoso, como fez Antonio Serrão de Castro em um Romance ao Carnaval.

Punhada é vocabulo da plebe, de que não querem usar os cultos modernos em discurso elegante. Usam de alguma frase decente, v. g. *golpe de punho*, ou *de mão cerrada*, ou outra semelhante.

Pustula. Deve-se usar com os exemplos de alguns

Clássicos deste termo latino, para evitar a baixeza, que ha no de *bostela*.

Quebra no sentido literal não tem tanta nobreza, como *rotura*: no metaforico significando *perda* ou *damno* em todo o estilo tem bom uso. *Quebrado* por *desavindo* pertence mais ao discurso familiar, que ao elegante. Na significação de *quebrantado* de trabalho tem a seu favor não menos que a Jacinto Freire na pag. 152. No significado de *fallido* não lhe faltam bons exemplos. *Quebradura* por *achaque* querem (os criticos, que o escriptor grave peça aos medicos emprestado algum termo decente; v. g. *hernia intestinal*.

Quebranto: sendo preciso usar desta palavra em linguagem elegante diga-se *fascinação*; na familiar pode-se dizer *olhado* ou *quebranto*.

Quitar por *impedir* não agrada hoje aos criticos nimiamente escrupulosos; pois que para usarem deste verbo em composição grave não lhes basta o exemplo de Vieira no tom. 1. pag. 43.

Rabo de animal. Nas idades de mais innocencia para a nossa lingua usava-se deste termo sem nota de indecente: hoje só no jocoso se deve usar, e no serio ha de se dizer *cauda*, mas de modo que não haja affectação. Fuja-se de varios modos de fallar, que tem a nossa linguagem, nos quaes entra a palavra *rabo*, porque sempre fazem baixeza em todo o estilo, que não for jocoso; v. g. deitar-lhe o *rabo do olho* &c.

Raiva com o seu verbo, e compostos são termos, de que fogem hoje em estilo elegante os escriptores escrupulosos, não obstante os exemplos de Vieira. Querem que se diga; v. g. *ira impetuosa*, *furor*, *furia* &c. escolhendo-se destes vocabulos o que approvar a propriedade.

Ralhar e *ralhos* servem para o familiar, e comico:

para o grave e elegante usem de alguma frase, que não se opponha á gravidade, e elegancia; v. g. *fazer vãs ameaças* &c. ou *palavras vãs soberbamente proferidas* &c. *Rebotalho*: todos sabem que é voz plebea, e que sómente terá logar no comico. Em discurso serio deve-se dizer *refugo*.

Recebimento por *casamento* é mui proprio no estilo familiar; mas no grave tem este vocabulo alguma baixeza, e será mais nobre dizer *vodas*, *nupcias* ou *desposorios*. Sirva *recebimento* para o acto de receber visitas, ou para a recepção de principes em alguma cidade.

Recuar querem os modernos que seja verbo proprio só para bestas, e *retroceder* para homens. *Tornar para traz* é modo de fallar, que hoje convem mais ao discurso humilde, que ao elevado.

Redór [adverbio] tem bom uso no estilo familiar, e medio; no sublime será mais nobre dizer; v. g. com o exemplo de Jacintho Freire na pag. 46. «Tinha em torno umas letras antigas» &c. do que dizer, tinha em redor &c. Quem tambem dissesse *á roda*, teria em sua defensa aos melhores Classicos.

Regatear favores e honras por *difficulta-las* ou *concede-las* com difficuldades parece a muitos verbo pouco elegante, e só proprio da linguagem familiar. Se valem em tudo os exemplos classicos, nenhuma rasão tem estes escrupulosos.

Remeloso não basta o grande exemplo de um Vieira no tom. 7. n. 168. para se usar hoje deste termo em estilo semelhante ao que pediam os seus Sermões. Reserve-se para o comico e satyrico.

Requebrado por *amante*, usou-o Fr. Bernardo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 63. col. 3. porem nenhum culto historiador desta idade se quererá valer do

exemplo. No estilo familiar e comico pode ter bom uso, como o tem *requebrar*, e *requebros*, termos usados por D. Francisco Manuel em sua Carta de Guia, pag. 88 verso e pag. 116. Em poesia lirica ainda estas palavras tem lugar mais proprio; porem tal será a occasião, que até não as regeite um discurso grave, e oratorio. *Requebros* como termo musico, v. g. *requebros* da voz, em toda a composição será palavra elegante.

Retrete, de que usavam no seculo passado escriptores polidos em discursos graves, significando *aposenso secreto*, já no tempo de Francisco Rodrigues Lobo era termo indecente, por se lhe ter apropriado uma vil significação. Veja-se a Corte na Aldea Dialog. 2. pag. 37. onde diz. « Servidor já se passou das Cartas para os *retretes* » &c.

Revez [ao revez] menos baixeza tem do que ás *avessas*; porem o seguro será usar em assumpto grave de alguma circumlocução mais nobre; v. g. succedeo isto ao *contrario* do que se esperava &c. e não *ao revez*, ou *ás avessas*.

Risadas é termo, que hoje os polidos não querem admittir senão no comico, no familiar, e no satyrico. No grave dizem — *Riso solto*, *descompassado*, *estrondo* &c. *Caquinada* serve só para o jocoso, do mesmo modo que *riso á boca cheia*.

Ronca por *grande valente* tem a seu favor o exemplo de Vieira, que no tom. 10. pag. 119 não só usou deste vocabulo, mas tambem do de *valentão*. Hoje porem nenhum orador tomará tal liberdade, e da-la-ha só aos escriptores comicos satyricos ou graciosos. Muito menos usará de *roncar* e *barbatear*, em vez de *jactar-se com arrogancia*, porque o acha no mesmo Classico, tom. 2. pag. 333. Tanto é o escrupulo dos criticos modernos no

uso destes termos em assumpto grave, que nelle nem que-rem dizer *roncos do mar*; mas sim *bramidos*, ou outra voz metaforica de igual nobreza. E' demasiada impertinencia.

Ruço não é epitheto, que se applique a homem, cujos cabellos se tornaram em cans, ou que começam a embranquecer. Admitte-se porem no estilo familiar, e muito mais no satyrico, e jocoso.

Ruma por grande quantidade de cousas amontoadas ou umas sobre outras, pertence hoje só ao vocabulario das palavras familiares, não obstante ter dito o Padre Vieira no Sermão da Visitação, prégado na Bahia. « Aquellas *rumas de façanhas* » &c.

Saltatrix é termo mais decente ao orador do que *dangadeira* ou *bailadeiras* ou [como hoje dizem] *dangarina*; assim como *saráo* é vocabulo mais nobre do que *baile publico*. Quem quizer exemplos busque os nossos bons oradores antigos, onde fallarem da filha de Herodias.

Sevandija por *insecto asqueroso* pode-se usar em discurso familiar, e jocoso, mas muito mais no satyrico. No grave não tem hoje os defensores, que tinha em outras idades, assim no sentido natural, como no metaforico.

Simo pelo cume de alguma altura tem lugar em todo o discurso, que não pertencer á linguagem sublime. Muitos querem, que se pronuncie *cima*, porem achamos *simo* nos discursos varios de Severim pag. 100.

Sizo em lugar de *juizo* rarissima vez poderá ter lugar decente no character sublime. Em qualquer outro estilo não se pode reparar com rasão no uso deste vocabulo. O mesmo dizemos de varios modos de fallar, em que entra este termo; v. g. perder o *sizo*, de que usou baixamente na sua Epopea Francisco de Sá de Menezes Liv. 3. est. 98: *de sizo* em lugar de *seriamente*, e outros semelhantes modos.

Sobejidão por *sobejo*, ou superflua abundancia de alguma cousa, se bem que o usou Brito no tom. I. da Mon. Lusit. pag. 124. col. 2., e Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 7. pag. 145, hoje só se admite em linguagem popular. *Sobejo* por *demasiado* e excessivo ainda parece que pôde sofrer-se hoje em estilo grave, pois que até foi usado pelos nossos melhores epicos, dizendo: *sobeja dor, valor sobejo* &c.

Sodomia e *sodomita* não são termos que entrem hoje em discurso oratorio. Os mais cultos dizem por antonomasia o *peccado nefando*, e o *peccador nefando*, ou *homem pelo vicio descendente da nefanda Pentapolis*, como decorosamente disse em suas Prosas o Padre Bluteau.

Sofrego [e *sofreguidão* tem] bom uso no estilo em que os usou Francisco Rodrigues Lobo na Corte na Aldeia, Dialog. 8. pag. 171, e Dialog. 12. pag. 249. Em discurso mais elevado não pôde ter logar, que não abata a oração.

Sujar, *sujidade* e *sujo* são termos em que não reparavam os nossos antigos, não digo eu já em discurso popular, mas tambem em grave. Hoje pede a elegancia que se diga *manchar*, *immundicie*, e *immundo* ou *sordido* em qualquer estilo que não for jocoso ou satirico.

Tamanho por *tão grande*, não obstante ser de todos os Classicos, duvidam os escrupulosos de usar d'elle no genero sublime, por se ter feito mui popular este termo, passando dos poetas para a plebe. Parece-nos demasiado este escrupulo, e o mesmo parece tambem a muitos modernos, usando deste vocabulo sem receio de abater a oração elegante.

Tanger instrumentos musicos &c. Entram já alguns criticos a terem por indecente o uso deste verbo em linguagem elegante, não obstante ter a seu favor todos os

Classicos desde João de Barros até o Padre Vieira, não sentindo deformidade alguma em dizerem *tanger o ju-mento*, e *tanger a viola* &c. Em muitas cousas é nimia-mente escrupulosa a critica de alguns modernos.

Teso por *aspero*, severo, ou constante em condição ou propositos, tem hoje uma baixeza indecente, que não tinha em idades menos maliciosas, as quaes sem reparo diziam em discurso grave — Juiz de grande *tesão* no administrar a justiça, — Religioso de espirito *teso* para não afrouxar em penitencias — &c. &c. Estes exemplos são de Barros e de Fr. Luiz de Sousa. Hoje porem de nada valem, porque assim o quiz o uso, que para envilecer palayras serve á malicia alheia. O adverbio *tesamente* é o que hoje conserva menos baixeza, e se póde usar em composição familiar.

Tolo, *tolice*, e *tolamente* são termos que se admittem no comico, familiar e jocoso: no grave e serio deve-se dizer *nescio* ou *fatuo*, *fatuidade* ou *necedade*, *fatuamente* ou *nesciamente*.

Torto: só no satirico não terá baixeza. Sendo preciso usar-se deste termo em assumpto que peça gravidade, use-se de alguma circumlocução, ou diga-se: *homem de olhos atravessados*, ou *de olhar obliquo*, ou *de vista em travéz*, como diziam os antigos. Para o estilo jocoso é que se podem descubrir frases muito engenhosas.

Tragador não é absolutamente vocabulo humilde em estilo elegante; porem tem mais nobreza *devorador* e *voraz*, especialmente em poesia; e por isso a critica frenetica não approvará [mas sem razão] nos versos de D. Francisco de Portugal um que diz: «o tempo *tragador*, qual *buitre a Ticio*» &c. Tambem em sentido metaforico é pouco nobre *tragar* por sofrer com paciencia; e por isso é censurado o Auctor do tom. 7. da Mon. Lu-

sit. por dizer na pag. 320: « O rei de Castella, que não podia *tragar* este casamento &c.

Traque, especie de foguete, não tem logar senão no jocoso; e com razão é censurado o Auctor da Vida de S. João de Sahagum, por usar deste termo na part. 2. pag. 105 verso. *Traquejar* por *perseguir* é verbo que só no jocoso não aboliu o uso, sendo aliás não menos que de João de Barros na Decad. 1.^a pag. 15. col. 2.

Trastes de casa: admite-se em assumpto familiar; no elegante deve-se dizer *moveis*, *alfaias* ou *adorno* da casa, não obstante *trastes* significarem alfaias de menos conta. Com a auctoridade de D. Francisco Manuel nas Epanaphoras, pag. 111, póde-se usar de *utensilios*, se der licença a critica severa, pois que este termo só significa em rigor os moveis de guerra, que pertencem ao soldado.

Treta em sentido metaforico por *subtileza* e artificio não tem logar decente no estilo em que devia fallar o poeta que escreveu a Vida de S. João Evangelista, usando deste termo mais comico que epico, quando disse: « Mil *tretas* arma ao outro *accommettendo* » &c. Melhor dissera *traças*.

Tripas é vocabulo que não conta a linguagem elegante, e pede emprestada á da medicina a palavra *intestino*.

Trisavô e *trisneto* não tem hoje a nobreza que tinha quando os usavam os nossos Classicos. Diz-se em composição grave: 3.^o *avô*, 3.^o *neto* &c. Deveriam estes vocabulos tornar a resurgir, e usar-se delles, já que dizemos *bisavô* e *bisneto*.

Valentão já não tem uso senão no jocoso, e justamente é estranhado o Curvo por chamar a Deus *Valentão*, nas suas Observações Medicas, pag. 221. Se dissera *campeão*, usaria da palavra decente que convinha á séria materia que escrevia.

Valhacouto sim pôde ter uso em discurso grave com o exemplo de Brito no tom. 1. da Mon. Lusit. pag. 347; porem será hoje muito mais culto usar de *asylo* ou *refugio*, e guardar *valhacouto* para o estilo familiar e ainda para o comico.

Valia é termo mais nobre em composição elegante, do que *pedreira*, palavra que tem hoje muito de popular; não obstante os diversos exemplos classicos que a podem deffender.

Vexame é voz popular, e não lhe achamos exemplos seguros para se poder usar em obra que não seja jocosa. Os cultos dizem *vexação*.

Vivenda por *domicilio* tem bom uso em todo o estilo que não for o sublime, e por isso é censurado o auctor do *Affonso Africano*, usando deste termo popular em uma epopea.

Vomitar é vocabulo que tem os melhores exemplos, assim na prosa como no verso; mas a critica desta idade é tão delicada, que recommenda se fuja deste termo o mais que puder ser na linguagem elegante, excepto no sentido metaforico, porque nelle, commummente fallando, conserva este verbo mais alguma nobreza. *Vomito* ainda é palavra mais popular.

Talvez desejaria o leitor principiante mais copioso numero de vocabulos, mas estes foram os que nos occorreram para satisfazer ao reparo do critico nosso amigo. E' certo que ha outros muitos termos e modos de fallar em o nosso idioma, que raro ou nenhum uso devem ter no estilo magestoso, oratorio e sublime; mas se de todos elles quizessemos fazer menção, não bastaria para elles só este livro. Apontámos os que nos lembráram, e os que omittimos, esses lembrará ao leitor a lição dos bons livros modernos, e a pratica com as pessoas mais cultas na Lingua.

Advertidamente não quizemos fazer menção de termos infinitos, que claramente são tidos por populares, comicos, jocosos e chulos, porque não quizemos encher papel com cousa que não ignoram nem ainda os mesmos escriptores principiantes. Estou certo que nenhum haverá que não fuja do uso de taes vozes em discurso grave e elegante; e quando ao compor succeda cahir nelles por inadvertencia, depois ao limar peze com toda a reflexão se o tal vocabulo, ou fraze, ou modo de fallar são ou não decorosos, isto é, sem baixeza, por serem muito populares, ou se despertam algumas ideas sordidas, impuras e satiricas; e no caso que assim seja, cuide em emenda-los de modo que não fiquem sujeitos á moderna critica, que em todos os escriptos quer que não falte aquella cultura e polimento que Cicero tanto recommendava no seu idioma.

REFLEXÃO 6.^a

Illustração á Reflexão 3.^a da 2.^a Parte, que trata dos nomes que tem commum de dous o seu genero &c.

Satisfeita a critica do nosso amigo, pelo que respeita á 1.^a Parte deste Tratado, resta agora pelo que toca á 2.^a satisfazer a novos reparos ou escrupulos. Visto concedermos na Reflexão 3.^a genero commum de dous a alguns nomes, pertende elle que o provemos com exemplos classicos, para que os principiantes saibam os defensores que tem ao usar de qualquer dos ditos generos, sem os obrigar a folhear Auctores, que talvez não terão.

Satisfazendo a este reparo, dizemos que a palavra *tribus* se acha em Vieira tantas vezes com o genero feminino como com o masculino. No tom. 2. pag. 44 se encontra « Ministros maiores *das doze tribus.* » No mesmo tom. pag. 121 diz: « Porque *das doze tribus.* » Ibi- dem, pag. 352 se acha: « Concorreram *as doze tribus* » &c. Pelo contrario no tom. 3. pag. 108 lhe dá o genero masculino. Item no tom. 6. pag. 136 cum seq. se acharão muitos exemplos; porem muitos mais nos tomos do Rosario, que passam entre os criticos pelos que foram escriptos em mais pura linguagem.

Tambem de *espinhos* e *espinhas* são no mesmo Classico iguaes os exemplos. No tom. 2. pag. 12 lemos: « Uma rosa entre *as espinhas.* » No 6. pag. 74 disse: « Tira de panno cheia de *espinhas* » &c. Em fim leia-se o tom. 2. dos Sermões do Rosario, que se enfastiará o leitor de contar exemplos deste vocabulo feito feminino. Mas tambem em outros tomos o achará muitas vezes masculino. No tom. 2. pag. 232 disse: « Corôa de *espinhos* »: em fim são tantos os exemplos, que por muitos nos dispense o leitor do trabalho de os copiar.

Catastrofe fazem hoje todos os modernos do genero feminino. Não nos oppomos ao uso; só dizemos que Vieira dizia o *catastrofe*. Alem de outros logares veja-se o do tom. 2. pag. 271, onde diz: « Tal foi o maravilhoso *catastrofe* » &c.

Apostrofe, a que hoje dão quasi todos o genero masculino, deu Vieira o feminino, tom. 2. pag. 35, dizendo: « Fazendo uma *apostrofe* a Theodosio » &c.

A *Hiperbole* umas vezes deu o genero masculino, outras o feminino, subintendendo a palavra *figura*. No tom. 4. pag. 202 disse: « Falla Seneca *da hiperbole* tão

usada” &c. Exemplos de o fazer masculino ainda são mais frequentes.

Fenix: pertendem hoje muitos cultos que se lhe dê o genero masculino; e com effeito assim o usam em seus escriptos. Porem nós em Vieira o achamos sempre com o genero feminino, subintendendo a palavra *ave*. Veja-se no tom. 4. só a pag. 450; e achar-se-hão tão multiplicados exemplos, que por muitos não transcrevemos.

Torrente: quasi que ninguem ha hoje que faça masculino a este termo, quando os Classicos quasi sempre lhe deram este genero. Vieira no tom. 5. pag. 16: “Vis-tes o *torrente* formado” &c.

Diadema: palavra a que nenhum culto moderno quererá dar o genero feminino, deu-lho Vieira em muitas partes. Lembra-nos que no tom. 10. pag. 500 se acha duas vezes: “Tirou da cabeça a *diadema*” &c.; se Christo tirára a *diadema*” &c. O mesmo se acha sempre no poema *Ulyssipo*.

Fantasma: parecerá a alguns cousa estranha dar a este termo o genero masculino: pois saibam que lho deu Vieira no tom. 10. pag. 356. “Por meio de *um fantasma* cahido da forca.” Não é unico este exemplo.

Personagem: com alguns exemplos que não são da infima nota dão muitos modernos a este nome o genero masculino, imitando aos castelhanos; porem em Vieira ainda lhe não achámos senão o feminino. No tom. 2. pag. 217 diz: “Todas as grandes *personagens* das tres jerarchias” &c. No 5. pag. 226: “Convidou as maiores *personagens* do seu reino” &c., e na pag. 489: “*Personagens* feridas e despedaçadas” &c. No 7. pag. 222: “Comparando-o ás maiores *personagens* do mundo” &c. Veja-se tambem o tom. 10 pag. 486, e 494 col. 2.

Domingo e *dominga* tem sua differença. Como termo ecclesiastico é do genero feminino, e diz-se *Domingas* e não *domingos* da quaresma: resar da *dominga* e não do *domingo* &c. Como termo privativo dos seculares é do genero masculino, e diz-se: ouvir missa ao *domingo* e não á *dominga*: trabalhar ao *domingo* e não á *dominga* &c. De maneira que os ecclesiasticos dizem sempre *domingas* do anno, e os seculares *domingos*. Por sabida de todos escusada era esta Reflexão, mas servirá para os estrangeiros que não quizerem errar em a nossa linguagem.

REFLEXÃO 7.^a

Em que se addicciona a Reflexão 4.^a da 2.^a Parte que trata dos superlativos.

Nesta materia pouco nos resta que acrescentar. Diremos só que o Padre Vieira no tom. 3. pag. 17. fez de *supremo* o superlativo *supremissimo*, e no tom. 4. pag. 51. duas vezes de *immenso* formou *immensissimo*. Talvez que tentado com estes exemplos é que se animou um academico real da nossa historia a usar arrojadamente do superlativo *unissimo*. Os modernos criticos estranham como barbaros e improprios taes superlativos; porem se Catão disse *perpetuior*, e *perpetuissimus*; Cicero *infinitor*; Seneca *proximior*; e Ovidio *vacuissimus* &c. Porque se ha de extranhar a um Classico como Vieira que use tambem da suprema auctoridade de mestre?

Não nos esqueceremos tambem de dizer, que frequentemente ouvimos formar superlativos de outros superla-

tivos, v. g. de *grandissimo*, *grandississimo*; de *importunissimo*, *importunississimo*; de *bonissimo*, *bonississimo* &c. Não se devem admittir estes excessos, senão no estilo jocoso, em que o mesmo errar é uma graça elegante, á maneira dos antigos comicos, em quem se acha *pessimissimus*, e *minimissimus*. Em qualquer outro estilo dar-se-ha por erro.

Advertimos por ultimo, que só tambem no jocoso, no familiar, e no satyrico é que devem ter uso aquelles nomes, que com a terminação em *ão* ou em *asso* tem força de superlativos, como v. g. *altarrão*, *velhacão*, *poetasso*, *gigantasso* &c. Damos esta advertencia, fallando por via de regra, porque occasiões haverá, em que estes termos augmentativos terão bom logar em discurso grave, assim como o tem alguns diminutivos em *ete*, [que costumam servir só para o jocoso, e satyrico] como v. g. *reisele*, de que usou Brito na Mon. Lusit. tom. 1. pag. 155. em logar de dizer *reisinho* ou *pequeno rei*.

REFLEXÃO 8.^a

Addiccionamento á Reflexão 9.^a da 2.^a Parte.

De varios descuidos na Reflexão 9.^a nos argue o critico-nosso amigo. Censura-nos primeiramente ter-nos esquecido nella o verbo *hir*, devendo fazer-se delle especial memoria; pois que são raros os que acertam na conjugação da primeira pessoa do plural no indicativo.

A verdade é, que communissimamente se conjuga *nós vamos*, *vós hides*, *elles vão* &c. devendo-se dizer *nós*

himos, e guardar o *vamos* para o imperativo &c. Como sei, que a muitos se faz estranha esta linguagem, apontaremos de Vieira mais exemplos do que é nosso costume. No tom. 2. pag. 137. « Já *himos* no terceiro movimento » &c. No tom. 3. pag. 57. « Nós *himos* pelos passos de Christo » &c. No tom. 4. pag. 528. col. 3. « Nós *himos* em serviço da fé » &c. e na col. 2. « Nós somos os que *himos* a servir a elles » &c. No tom. 5. pag. 21. « Todos *himos* embarcados na mesma náó » &c. Item pag. 338. « Em bem clara prova do que *himos* dizendo » &c. No tom. 6. pag. 288. « Todos *himos* caminhando para a futura » &c. Item, pag. 499. « Devoção que ategora *himos* louvando » &c. Item, pag. 539. « *Himos* áquella portaria » &c. Item pag. 542. « Nos *himos* dispondo, e habilitando » &c.

O segundo reparo do critico é não termos fallado nada sobre a natureza de alguns verbos, de que usa Vieira por modo diverso do que praticam alguns modernos. Nesta materia não poderemos satisfazer com extensão ao amigo, porque é ponto em que não temos feito particular observação. Com tudo escreveremos o que nos occorrer, que por pouco que seja, não deixará de ser util ao escriptor principiante.

No uso do verbo *arrastar*, diz-se commummente *arrastando-se*, e Vieira dizia *arrastando* sem a particula *se*. Veja-se além de outros logares o do tom. 2. pag. 18. onde diz. « Uns *arrastando*, outros sem pernas, outros sem braços » &c.

Ao verbo *assentar*, querem muitos, seguindo a D. Francisco Manuel, que se ajunte sempre que significar *resolver* os termos *comigo*, *contigo*, *comsigo*; porem do contrario são muitos os exemplos em Vieira. « Depois de *assentar* que a maior obra de Julio Cesar » &c. tom. 2. pag. 32.

O verbo *partir* na sua significação passiva erradamente conjugam muitos: eu *parti*, tu *partiste*, elle *partiu* &c. devendo conjugar. Eu *parti-me*, tu *partiste-te*, elle *partiu-se* &c. para assim imitarem ao grande mestre Vieira, que em todos os tempos sempre acrescentava a particula *se*. « *Partindo-se* Christo para o Ceo » &c. tom. 2. pag. 109.

No verbo *sobir* diz-se commummente *sobir pela parede*, *sobir ao monte*, e Vieira dava-lhe caso activo dizendo *sobir a parede*, *sobindo o monte* &c. Veja-se o tom. 2. pag. 280. Os modernos, que não fallam assim, não procedem com coherencia, porque dizem *sobir a escada*, e não *pela escada*.

Ao verbo *callar* acrescentam quasi todos as particulas *me*, e *se*, dizendo *callo-me*, *calle-se* &c. Em Vieira pelo contrario acho mil exemplos, em que diz *callo*, e *calle*; *callava*, *callavam* &c. No tom. 2. pag. 349. « No consistorio de Deus os interessados *callam*, [e não *callam-se*, como hoje se diz.] No tom. 3. pag. 70. « Se elle *callar* como costuma » &c. Item, pag. 267. « Aprenda, e *calle*. No tom. 4. pag. 202. « Assim *callou* o maior pregador do Mundo &c. Item pag. 312. « Deus lhe mandou que *callasse* &c.

Gozar: sempre os Classicos ao caso deste verbo acrescentavam a preposição *da*, ou *de*, ou *do*, dizendo, *gozar do Ceo*, *da gloria*, *de delicias*; e não [como hoje escrevem muitos] *gozar o Ceo*, *a gloria*, *as delicias* &c.

REFLEXÃO 9.^a

*Em que se discorre sobre o uso de algumas
particulas, que se ajuntam a verbos
e nomes.*

Por ocasião da reflexão passada nos occorreo discorrer um pouco em serviço do escriptor principiante sobre o uso errado, que muitos dão a algumas particulas, que acompanham aos verbos em suas conjugações, e aos nomes em suas declinações. Alguns criticos superficiaes, e que dos nossos Classicos tem levissima noticia, persuadem-se que sendo-lhes necessario usar; v. g. da linguagem *amaram-no, leram-no, ouviram-no*, devem dizer *amaram-o, leram-o, ouviram-o*; porque é uma posposição, que val o mesmo que o *amaram, o leram, o ouviram*, conjugação certamente genuina da lingua portugueza.

Porem não diriam assim estes criticos, se tivessem lição dos nossos Classicos, especialmente do Padre Vieira, que sempre ajuntou a particula *no*, e *na* aos verbos naquelles tempos, em que ellas tem logar. Produzir todos os exemplos seria um processo infinito; transcreveremos só alguns para desengano destes modernos grammaticos, cujos escriptos não declaramos por não sermos odiosos.

No tom. 2. pag. 109. diz este Auctor. « *Fiseram-no assim recolhidos &c.* e na pag. 222 se acha « *Quiseram-no aclamar por seu rei . . . aclamaram-no . . . haviam-no de prender* » &c. No tom. 3. pag. 352 disse também « *tinham-na elles com merecimento &c.*

Não ha hoje igualmente cousa tão commum, como dizer-se v. g.; *ha de se*, e não *ha se de*, quando em Viei-

ra não ha cousa tão trivial, como é este segundo modo de pronunciar. No tom. 2. pag. 162 se achará : « *Ha se de offender a verdadeira lealdade* » &c. No mesmo tom. pag. 357 se lerá : « *Ha se de pôr em balança o menos, e o mais* » &c. No tom. 3. pag. 350 e 351 se encontrará : « *Ha de se entender e ha se de advertir* » &c. No mesmo tom. pag. 369 : « *Hão se de julgar, e avaliar os homens* » &c. e na pag. 15 : « *Quando Elias se houve de partir* » &c. No tom. 5. pag. 451 : « *Hei me de guardar* » &c. e nunca disse *hei de me guardar, ha de se pôr, hão de se julgar* » &c. como hoje commummente se diz.

São muitos tambem os que tem por uma pura redundancia este modo de fallar *referir-vos-hei* as vossas proezas » &c. bastando dizer *referirei* as vossas acções, *numerarei* as vossas proezas. Chamam igualmente redundancia a estoutro modo de fallar. « *Deram-lhe a Pedro,* devendo-se dizer *deram a Pedro* : elle *via-nos a nós*, postoque nós o *não vissemos a elle*, bastando que se dissesse « *elle via-nos postoque nós o não vissemos* » &c. Porem os que fallam do primeiro modo tem sempre em seu favor a Vieira. No tom. 2. pag. 313. diz elle. « *Louvar-vos-hei* as nossas virtudes, *reprender-vos-hei* os vossos vicios » &c. No tom. 5. pag. 314 diz tambem. « *Deram-lhe a S. Gonçalo* » &c. E no tom. 7. pag. 39. « *Elle via-nos a nós* em quanto Deus, postoque nós o *não vissemos a elle.* » Estes modos de fallar, bem longe de serem redundancias, são graças da indole da nossa lingua. O que nella será feia mancha, será o pronunciar v. g. *amaria-se, leria-se, ensinaria-se, e ouviria-se* &c. em vez de *amar-se-hia, ler-se-hia, ensinar-se-hia, e ouvir-se-hia* &c.

Já em outro logar deixamos observado, que ao verbo *haver* sempre se segue em todos os modos, tempos e pessoas da sua conjugação a particula *de*, e que é erro

dizer v. g. *Havemos fazer, havemos amar &c.* em vez de *havemos de fazer, havemos de amar*, porque a dita particula não pertence rigorosamente ao verbo *haver*, mas ao que se lhe segue. E daqui vem, que fazendo-se estas perguntas. « *Hei de amar, has de amar, ha de amar, hão de amar?* » deve-se responder em boa linguagem: *hei* e não *hei de*; *has* e não *has de*; *ha* e não *ha de*; *hão* e não *hão de*.

Advertimos mais, que é erro usar da dita particula *de* com o verbo *dever*. Não se ha de pronunciar v. g.; *devemos de fazer; devia de ler; devera de amar &c.* em logar de *devemos fazer; devia ler, devera amar &c.* Advertimos por ultimo, que no uso do verbo *haver* não se deve ajuntar o *de*, quando o termo, que se segue, é nome, e por isso é grave erro pronunciar; *hei de mister*, devendo-se dizer: *hei mister, ha mister, hão mister, haviam mister*, e assim nos demais tempos, e pessoas; porque *mister* é nome antigo, que significa *necessidade*, e *haver* val então o mesmo que *ter*.

Não nos esqueceremos de advertir, que no preterito imperfeito do conjunctivo dos verbos; v. g. *se eu amara, ou amasse, Vieira* [segundo a nossa larga observação] muitas mais vezes diz *amara, tivereis, e dissereis*, do que *amasse, tivessesis, e dissesseis*. Lembra-nos alem de outros exemplos um do tom. 1.^o pag. 214. « *Se vós tivereis os olhos tão allumiados, como David, pode ser que dissereis o mesmo* » &c. Hoje raro será o escriptor, que não seja Vieirista, o qual não diga *tivessesis, e dissesseis*.

Passando dos verbos aos nomes, todo o que não tiver folheado bem a Vieira, estranhará como uma viciosa redundancia dizer-se. « *Sua era de Naboth a vinha. — Sua era de Miphiboset a herança de seu pai Saul. — Sua*

era a fazenda do pai de familias do evangelho » e entenderia, que bastaria dizer. *A vinha de Naboth era sua — era de Miphiboset a herança de seu pai Saul. — A fazenda do pai de familias do evangelho era sua*; porem saibamos os que assim diriam, que o primeiro modo de fallar é do grande mestre da nossa lingua no tom. 5. pag. 450.

Nelle achamos igualmente que nunca dizia, como hoje dizem quasi todos, reino, ou provincias *da Europa*, mas *de Europa*; nem toda *a Europa*, mas *toda Europa*. Veja-se no tom. 6. a pag. 50. onde diz: confusão da christandade *de Europa*, e na pag. 526. « *Todas ns provincias de Europa* » &c. e na pag. 110. « *Toda Europa a servisse á Meza* » &c. Jacintho Freire de Andrada constantemente seguiu o mesmo na Vida de D. João de Castro, onde são infinitos os exemplos.

Não despreze o escriptor principiante o que dissemos nesta Reflexão, e pelo que apontamos cuide muito em observar nos Classicos [especialmente em Vieira] outros diversos modos de fallar, nos quaes consiste uma grande parte dos misterios, e delicadezas da nossa pura, e genuina linguagem, as quaes muitas vezes ignoram, ou esquecem aos mesmos cultos.

REFLEXÃO 10.^a

Em que se mostra quanto é facil cahir em erros de grammatica, e prova-se com exemplos do poema Ulyssea.

Ora se tanto é estranhavel ignorar os segredos de uma lingua, quanto mais será censuravel cahir em erros cla-

ros na grammatica della, e muito mais se for de grande nota o Auctor que os commetter?

Rematemos pois este livro, lançando outra vez mão da *Ulyssea* de Gabriel Pereira de Castro, e nesta epopea geralmente applaudida, guiados pela critica que lhe fizera Manuel de Faria e Sousa, mostremos bem aos olhos do escriptor principiante o quanto é facil cahir em erros indesculpaveis da grammatica da sua mesma Lingua, uma vez que claramente os commetteu um Auctor que tem seu logar no catalogo dos nossos Classicos. Dos exemplos que apontaremos tire o leitor por fructo polir escrupulosamente os seus escriptos; observando uma e muitas vezes se está errada ou correcta a grammatica delles, para assim evitar a justa critica dos cultos modernos.

Logo na estancia 1. do cant. 1. commetteu este epico uma falta de grammatica, quando disse:

” Se eu podesse tanto

” A’ patria, ao mundo, á eternidade canto.”

Uma vez que diz *canto*, devia dizer *se eu posso tanto*; e só se dissesse *cantára* é que teria bom logar o *podesse*.

Na est. 73 do mesmo canto ha tambem uma concordancia grammatical, que não passaria hoje sem reparo. Diz o poeta:

” N’outra parte o jardim se vê partido,

” Que uma fina alcatifa representa,

” De que a formosa Chloris, e o marido

” De ser seu jardineiro se contenta” &c.

Para a linguagem ser exacta, uma vez que disse

Chloris e o marido, devia pôr no plural o *contenta*. Os exemplos dos poetas latinos, que talvez o poderiam defender, de nada valem em uma epopea portugueza, cuja Lingua jámais admittiu semelhantes liberdades; antes a mesma concordancia grammatical, que quer na prosa, manda tambem observar no verso, exceptuando algumas especiaes licenças, que concede só á poesia, em cujo caso não estamos por ora.

No mesmo cant. 1. est. 30 ha outra falta de grammatica semelhante á antecedente, e causada tambem por força de consoante.

« Que os diaphanos ceus, e escuro inferno

« Vês a teu grão poder *ajoelhado*. »

Devera dizer em pura linguagem *ajoelhados* concordando com *ceus e inferno*, que reverenceam o grande poder de Jupiter.

No cant. 2. est. do Argumento diz o poeta que « *Agrega antena víra* » &c. Este modo de fallar não agrada- rá aos de paladar delicado, assim como não agradou a Manuel de Faria e Sousa, dizendo que as antenas não veem nem ouvem.

No cant. 3. est. 25 usa do participio *esperdiçando*, e censura-lho Ignacio Garcez Ferreira, querendo que dissesse *desperdiçando*, uma vez que no poema pronuncia *desperdicios* e não *esperdicios*. Este critico estranha tambem ao poeta dizer *consume* e *prosigue*, dizendo-se já no seu tempo, como pronunciação mais culta, *consume* e *prosegue*. Não achamos a esta critica mui polido fundamento; e se este poema não tivesse outros erros de grammatica, não teriamos duvida a dizer que não tinha de- feito.

No mesmo canto est. 73 faz com que Polifemo, queixando-se de Ulysses, diga:

» Mas como não te *estimo*, nem te *temo*,

» Vendo-te em tal miseria, e tal estado,

» Te agasalhei infame peregrino,

» Que a tudo acha caminhos o destino.»

Supposto dizer *agasalhei*, fallando do passado, não poderá agradar aos escrupulosos o *não te estimo*, *nem te temo*, posto no presente, e quereriam que o poeta tivesse dito com mais correcta grammatica: « *Mas como não te estimava, nem te temia... te agasalhei.* »

Na est. 82 do mesmo canto ha uma falta grammatical, que não póde ter boa defesa, por mais que se empenhem as licenças da syntaxe figurada. Diz Polifemo a seu pai Neptuno:

» Aqui teu filho tens de furia insano,

» Que em tuas aguas lava o sangue immundo,

» De que banhado *estou*, e quasi exangue» &c.

Bem se vê que devia dizer *está* e não *estou*, visto fallar em terceira pessoa de filho.

No canto 4. est. 53 parece-nos que a critica severa não approvará usar o poeta de *obedece-lo* em logar de *obedecer-lhe*, que é o que pedia já a grammatica do seu tempo. Apontemos os versos.

» Vês as netas bellissimas de Belo,

» Que o iniquo mandado executaram

» Do pai, e por melhor *obedece-lo*,

» Os miseros esposos degolaram» &c.

Com tudo nós ainda estranhamos mais a pueril e ridicula antithese de *bellissimas* e *Bello*, e a redundancia do *mandado executaram*, e depois vir a *obedece-lo*.

A est. 108 do mesmo canto não póde passar sem reparo grammatical. Qualquer leitor bastará a julga-lo.

» Que saudoso pranto, e magoas vejo

» *Dizer* sem fruto á Lusitana gente » &c.

Não sabemos como pranto e magoas se vejam *dizer*, especialmente o *pranto*, ao qual só compete o verbo *ouvir*. Se dissera «que saudoso pranto e magoas *ouço* sem fructo á Lusitana gente», então entendia-se.

No cant. 5. est. 22 diz *desejar de ve-lo* em vez de *desejar ve-lo*. A particula *de* é certo que no seu tempo era já usada só pela plebe dos escriptores.

» D'um delgado cendal andam vestidas,

» Que accende mais a *desejar de ve-lo* » &c.

isto é, o corpo das nymphas. Para bem devia dizer como Camões: «*Que o desejo de vê-lo mais accende*»; porem a força do consoante o fez cahir em tão empegada e defeituosa grammatica.

Na est. 87 do mesmo canto usa de um *veio* em lugar de um *foi*. E' claro o erro, não estando em Italia quem assim fallava:

» D'aqui Perseo nasceu; Danae cortando

» C'o filho o mar por desusada via

» A Italia *veio* » &c.

Porem eu quasi que antes perdoára esta falta do

que a fastidiosa genealogia em que se cança o poeta nesta estancia, do mesmo modo que o faria o conde D. Pedro.

No cant. 6. est. 12 põe diversos verbos em uns taes tempos, que os não approvam as regras de uma grammatica exacta.

» Ordena-se que o grande Heitor *tomasse*
 » A redea, e capitães comsigo *eleja*,
 » Que repartisse as hostes, e ordenasse
 » O campo, e dêsse o modo da peleja:
 » Que os de Dardania Eneas governasse,
 » E acompanhado neste officio *seja* » &c.

Visto dizer *ordena-se*, devia continuar «que o grande Heitor *tome*, *reparta*, *ordene* e *dê*: que Eneas *governe* » &c. E querendo usar de *tomasse* e *governasse*, devia dizer *ordenou-se*, e proseguir dizendo *elegesse* e *fosse*, e não *eleja* e *seja*. Nenhum ouvido haverá que não estranhe esta confusão de linguagens.

Na est. 77 do mesmo canto, fallando de dous capitães peleijando, e comparando-os a dous leões, commette uma grande falta grammatical.

» *Qual* dous leões famintos sobre a presa » &c.

Bem claro está que devia dizer *quaes*, sendo os leões dous, e dous tambem os capitães, dos quaes diz na estancia antecedente que as *espadas levantam refulgentes*.

No cant. 10. est. 32 diz *estava*, pedindo o sentido que dissesse *está*:

» Vejamos o que o fado nos consente,
 » E o que por elle decretado *estava* »

Para exemplos bastem estes reparos, pois que o nosso fim é só avisar ao escriptor principiante, e não esquadriñar exactamente todos os defeitos grammaticaes que se encontram nesta celebre epopea, que a ser este o nosso assumpto, cresceria em muitas paginas esta Reflexão.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

NOTAS.

ADDITAMENTO E RETOQUES A PREFACÃO ANTEPOSTA

À 1.^a PARTE.

O espaço que medeou entre a impressão da 1.^a e das 2.^a e 3.^a partes desta obra deu lugar a se offerecerem occasiões de haver noticia de mais algumas composições do nosso A., é de se rectificarem algumas inexactidões: — com o presente addicimento ficará o mais completo, que nos foi possível, o catalogo estampado em seguida ao Prologo da parte primeira.

Primo: — A pag. VI da Prefação, linha penultima do texto, onde se marca o anno de 1828, deve ler-se 1829.

A pag. IX quasi no fim, onde está “*que todavia só saíu á luz em 1784, annos depois do seu fallecimento*,” — substitua-se — “*que saíu á luz em 1758.*”

A pag. XV lin. 1.^a onde se menciona o anno de 1758 lêa-se 1759 — e accrescente-se — “*na mesma officina, 2 vol. de 8.^o*”

Na mesma pag, *ad finem*, em logar da data da impressão da *Arte Poetica de Horacio traduzida &c.* 1784 — lea-se 1758.

Secundo: — a pag. XXII vai incluída nas ineditas uma obra com o titulo — *O Mentor de Fidelmo, escriptor principiante.* — Acha-se porem impressa sob o titulo seguinte — “*O Mentor de*

Philandro. Epistolas a um escriptor principiante, por Candido Lusitano. Coimbra: na imprensa de Trovão e Comp.^a 1826. 12.^o fr. — São dez epistolas em verso: e consta de 59 paginas ao todo.

Tertio: Accrescentem-se ao catalogo das impressas as obras seguintes: — “Arte historica, por Candido Lusitano. Coimbra: na imprensa de Trovão e Comp.^a 1826. 12.^o fr. — Consta de dois livros em verso solto, e tem ao todo 47 pag. de impressão.

— “Santos Patronos contra as tempestades de raios, invocados em devotos hymnos publicados por Candido Lusitano. Lisboa na officina Sylviana. 1768. 8.^o — Alem de muitos hymnos do A., comprehende esta pequena collecção outros compostos por varios socios da Arcadia. Consta ao todo de 82 paginas.

— “Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no anno de 1755. — 1758. folio; sem o nome do Impressor. Sahiu este livro com o supposto nome de “Amador Patricio:” porem o Catalogo da Real Livraria das Necessidades dá como auctor destas Memorias o P.^o Francisco José Freire.

ÁS REFLEXÕES 1.^a E 2.^a — Sobre palavras antiquadas.

No catalogo que o A. ordenou dão-se como obsoletas e fóra de uso muitas palavras que no sentido proprio quotidianamente se empregam, ou porque são necessarias e porventura unicas em seu significado, ou porque nunca se proscreveram e só os escrupulosos seiscentistas as refugavam, ou porque a influencia da lição dos Classicos, hoje louvavelmente renovada, as tornou a pôr em voga. Incluiu tambem o A. no mesmo vocabulario os nomes de armas antigas, os termos de brasão, os que designam cargos civís ou militares, hoje abolidos: todavia não se podem considerar antiquados, porquanto todas as vezes que nos fôr necessario indicar os objectos por essas vozes designados havemos lançar mão dellas: logo só podemos dizer que entram ellas com menos frequencia no discurso, e só em certos casos, mas nunca as mette-

remos no rol das palavras desusadas. — Das que no tracto commum ainda hoje correm, fazemos a seguinte lista.

Acatar.	Caimão.	Novel.
Acendrar.	Denodado.	Palafrem.
Acendalha.	Derrocar.	Páreas.
Acepilhar.	Despeito.	Passamento.
Acintemente.	Embaimento.	Pejar.
Acodado.	Embetesgar.	Pequice.
Agotea.	Esbulho.	Pincaro.
Adentado.	Fôjo.	Prol.
Áfan.	Fouveiro.	Rebiques.
Alquebrar.	Guarida.	Relé.
Arteiro.	Infunado.	Retouçar.
Assomada.	Levantisco.	Roaz.
Barafustar.	Mainel.	Roçagante.
Betar.	Maninho.	Sáfaro.
Britar.	Marulho.	Sandeu.
Cadímo.	Nado.	Talar.

Ainda no mesmo catalogo, encontramos palavras que pedem algumas breves advertencias, que escreveremos seguindo sempre a serie alphabetica.

Acontiado: alem das significações que lhe dá o A. tinha outra, talvez mais commum que todas ellas. Por *acontiados* se entendiam aquelles individuos, não que recebiam quantia, mas sim que tinham de seu *quantia* (*contia* ou *conthia*) de bens sufficientes para poderem servir na guerra com cavallo e armas. Esta significação é tão frequente nos documentos antigos, que mais que tudo admira escapasse não só ao nosso A.; mas tambem ao P.^o Viterbo no *Elucidario*, a Moraes nas primeiras edições do *Dicc.* e até ao proprio *Diccionario* da Academia. A' vista deste silencio allegaremos as auctoridades, que nos abonam.

Consulte-se o chamado *Regimento da Guerra*, que se attribue a ElRei D. Diniz, e que de certo tem determinações muito posteriores; impresso pela primeira vez no tom. 3.^o das

Provas da Histor. Gencalog. da Casa Real, Lisboa 1744 ás fol. 304; se bem que enormemente mutilado e incorrecto; e ao depois impresso com muita correccão no 1.º liv. das *Orden. Affonsinas*, Coimbra 1792, por se achar nellas incorporado: neste *Regimento*, se manifesta e confirma a cada passo aquella significação de *acontiado*. E para não accumularmos citações, que enfadarião pela sua invariavel conformidade, bastar-nos ha abrir o dito 1.º liv. daquellas ordenações, no seu tit. 71, que trata = *Dos Coudees e Regimentos, que a seus officios pertencem* = cujo 1.º cap., que se inscreve = *Das Conthias, per que hamde seer lançados cavalos, e armas em todos nossos Regnos* = começa assim.—

« Na cidade de Lixboa, e em toda a Estremadura os que
 » tiverem bẽes, que valham quarenta marcos de prata avaliados
 » segundo nós mandamos, ou mandarmos que valha, teerom
 » cavallos recebondos, e estas armas, que se seguem . . . &c. A.
 » e posto que lhe do dito avaliamento falleça hũm marco de
 » prata, de guisa, que nom sejam mais de trinta e nove, nom
 » lhes leixem de lançar o dito cavallo e armas. »

E assim continua todo o cap. determinando differentes *quantias* conforme as Comarcas, &c.

No *Inventario* do Cartorio da Comarca de Evora, feito no tempo do reinado d'ElRei D. João 1.º, o qual *Inventario* está no Livro grande de pergaminho, da mesma Camara, vem a fol. ix o summario dos *artigos especiaes*, que os Procuradores desta Cidade deram nas Cortes, que ElRei D. Affonso (4.º) fez em Santarem: e um destes *artigos* falla;

« que os desta Cidade erom agrauados em seerem costranjidos
 » em teerem cauallos de quinhentas libras, porq̃as gentes erom
 » moi pobres e menguadas, e q̃ lhe pediam por merçes q̃ nõ
 » fosem costranjidos pera os teer saluo de quantia de mill li-
 » bras. ElRey respondeo q̃ já sobre esto mandara, e lhe fe-
 » zera merçes q̃ lhe nõ avaliasem em a dita contia as casas,
 » nõ as roupas, e alfaias; o q̃ lhes nõca fezera nõhũu Rey;
 » q̃ ante elle fóra. »

E no mesmo liv. a fol. xiiij, fazendo menção de *artigos*, que foram dados per os Concelhos nas Cortes, que ElRei D. João

1.º fez em Coimbra, era de 432, de Christo 1394, ha um artigo, que falla;

» q̃ algũus foram costrãjidos pera teerem caualllos e armas, e
 » q̃ algũus perderom per necesidades e auenticias parte dos
 » beens, e q̃ lhe pediam por merçee q̃ lhe mandasse aualiar
 » nouamente seus beẽns, e q̃ das contias, q̃ lhe forem achadas,
 » q̃ daquellas fosse costranjidos. ElRey respondeo q̃ lhe pra-
 » zia que aquelles q̃ casarem seus filhos, ou lhes morressem as
 » molheres, q̃ a estes aualiem seus beẽns, e outros nõ sejam
 » aualiados, saluo se ouuerem suas cartas.»

Concluiremos fazendo um leve reparo, e é que os nossos modernos legisladores, não sabemos se por fugirem, se por não terem noticia da antigualha portugueza de *quantia* (contia), e *aquantados* (acontiadados), adoptaram para exprimir a mesma ideia outra antigualha, ainda mais velha, e romana, naturalizando as palavras *censo*, *recenseado*, &c.

Adestro. Lê-se no *Elucidario* pelo P.º Fr. Joaquim de Santa Rosa, verb. *adextrado* o seguinte — «Hoje dizemos *cavallo á destra* por cavallo acobertado, e que só por ostentação e grandeza d'estado vai na comitiva. Das cousas que vão de mais, ou só por recreação e allivio, dizemos que vão *adestro*.» — Vid. tambem o *Dicc. da Acad.* na palavra *A destro*, como formula adverbial.

Adúa: significa tambem — pastagem commum para os bois dos singelleiros, e outros lavradores, que a não tinham sua — E' frequentissimo nos arestos antigos da Camara de Arrayolos, até ao meado do seculo de seiscentos. Foi desconhecida esta significação assim ao A. do *Elucidario*, como aos do *Diccion. da Acad.*

Em um Alvará dado por ElRei D. João 3.º em Santarem a 8 de Julho de 1546, registado ás fol. 60 do liv. competente das vereações da dita Camara, se lê no principio;

«Eu ElRey faço a saber a quantos este meu alvará vyerem que entre os capitulos particulares, que a vyla d'Arrayolos por seus procuradores, q̃ enviou ás cortès, q̃ fiz na vyla d'Almeirim o anno de 544, veio um capitulo, de

que o teor tal he — Primeiramente que por ser esta vila de
 muitas vynhas, e olivaes, e outras bemfeitorias, e os mo-
 radores dela os mais honrados ordenarem lavoyra, pera a
 qual tem bois, q̃ danão as ditas bemfeitorias, por não ha-
 ver *adua*, em que se recolham: que sua Alteza haja por bem
 que se tomem as herdades pertencentes pera ella; e que os
 senhorios os não tolhão, ainda que pera ello tenham posse,
 e privilegios; e sejam avaliadas as herdades por tres ou qua-
 tro homens, pera se pagarem; e se pagará como ora estam
 arrendadas; e que toda pessoa, que tiver bois dentro na vil-
 la, seja carreteiros, como lavradores, vam lá pastar, sob
 pena de pagar de vazio, e mais da pustura da camara o que
 fôr ordenado.

E mais adiante

“ Ey por bem, e me apraz que na dita vila haja *adua* pe-
 ra os bois, a qual se fará na herdade de Santana, que he
 do Espritall da ditta villa, e será pera isso dada ao Conce-
 lho della d'arrendamento por tempo de nove annos por de-
 zanove moios de pam em cada hũ anno, convem a saber qua-
 tro de trigo, e os quinze de cevada, que he mais hum moyo
 de cevada, do que ora a dita herdade rende; com tal de-
 craração que os Juizes e officiaes do Concelho da dita vila
 ordenem e dem dous homens seguros e abonados, que to-
 mem sobre si o arrendamento da dita herdade, e pagamento
 della; os quaes se obrigarão por si e seus bens, como princi-
 paes pagadores, de dar, e pagar ao Esprytall os ditos de-
 zanove moios de pam em cada hum anno, durando os ditos
 nove annos, ao tempo da novidade, ou sua justa valia: não
 lhos pagando que sejam por elle executados em seus bens e
 fazenda, sem o Concelho, nem outra alguma pessoa pera
 ello mais serem citados, nem requeridos, &c. ”

Pela contiquação de ser a *adua* na herdade de Sant'Anna, se veio
 a mudar o nome da herdade, que ainda hoje se chama da
Adua.

Adueiro, era o guardador dos bois, e das pastagens da *Adua*.
 — Como se vê da Postura feita pela Camara e Governança da

da Villa de Arrayolos em 20 de Agosto de 1588, e está ás fol. 92 v a 94 do liv. das Posturas daquelle anno, no seu Cartorio.

Aforada: no logar citado de Fr. Luiz de Sousa parece ter a significação de *tida em valia, privilegiada*: diz assim — “confesso não me atrevia a sobir a este logar, porque estando tão bem *aforado*, como tendes estes dias visto, arreceava que perdesse por mim o que por elles tem ganhado.”

Alhurhuquerque: na passagem allegada de Fr. Francisco Brandão, (que é um documento de 1285) não vem escripta como uma só palavra. É a seguinte. “Assi daquillo que eu hei em Portugal e em Leon, como em Galiza, como *alhur hu quer que eu o haja* . . .”

Amornetado: não nos parece que tenha a accepção que lhe dá o A., mas tambem não temos por exacta a que lhe aponta o Dicc. de Moraes: o caso é que o Dicc. da Academia traz o mesmo logar da Aulegrafia e não o interpreta.

Aosadas: segundo o Dicc. da Academia significa *ousadamente, affoutamente*.

Atimar: o Diccionario da nossa Academia fundando-se na auctoridade de Faria e Sousa dá a este verbo o significado de *emprehender, commetter um feito*: porem o P.^o Santa Rosa no *Elucidario* diz expressamente que a sua equivalencia é *concluir, executar, levar a cabo alguma empreza, obra ou façanha*.

Mó: é notavel o engano do A. fazendo corresponder a esta palavra no sentido methafórico *arruido*: não é assim, porque da *mó* do moinho, de figura circular, veio a expressão *mó de gente* para denotar *roda de gente*. As eguas que andam com as crias nas serras quando presentem lobo fazem um circulo, mettem os filhos no meio e defendem-se a couces, jogando por tal fórma esta artilharia de garupa que as mais das vezes o acommettedor erra os pulos e retira-se com o focinho partido e sem poder empregar as garras: aquella roda das eguas é a *mó*, e neste sentido se explicou Jorge Ferreira na passagem citada.

Oniudo: deve ser *onjudo*: o *Elucidario* diz o seguinte: — “Convem este nome a todo o christão; pois verdadeiramente são